

Os factos que os apoiantes do Acordo Ortográfico não querem ver revelados

Discórdia Ortográfica

1 A unificação que não existe

Não existe nenhuma Língua global que seja unificada.

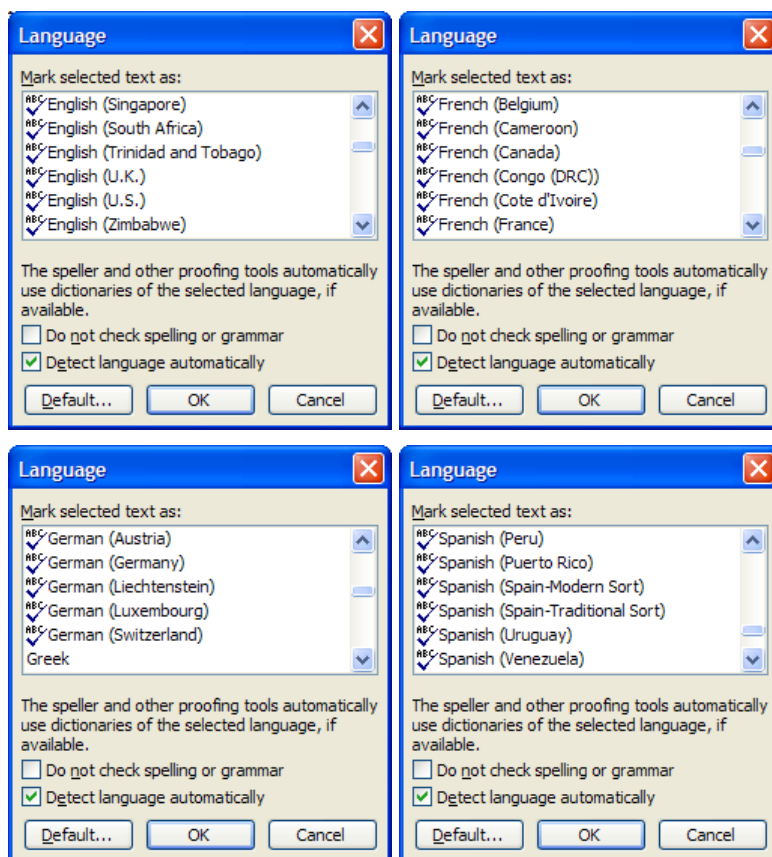
Admitindo que seremos (erradamente) pioneiros numa iniciativa deste tipo, fica apenas a certeza que haverá o dia em que um povo adoptará numa nova palavra ou ortografia não adoptada por outros. A unificação é uma miragem que o tempo se encarregará de levantar. Ficarão apenas a certeza dos erros cometidos.

As Línguas, faladas ou escritas, não pertencem a nenhum governo. Pertencem ao povo que as falam e escrevem. A fala e a escrita estão tão vivas quanto o povo, e sofrem as influências do ambiente que as rodeia. Em Portugal diz-se *“betão”* do francês *“béton”*, enquanto no Brasil usa-se um *“concreto”* do inglês *“concrete”*. Ainda no Brasil, *“espingarda”* é *“rifle”* (*“rifle”* em inglês), *“travões”* são *“breques”* (*“breaks”* em inglês), e *“congéneres”* são *“contra-partes”* (*“counterparts”* em inglês).

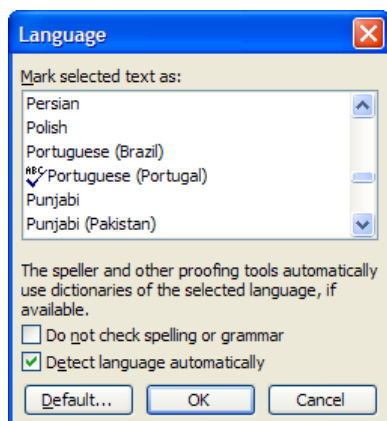
Demonstra-se apenas a ignorância a respeito das regras e práticas das restantes Línguas que se querem como exemplo, mas também a respeito na nossa própria Língua. Em discussão, esta ignorância fica patente quando os defensores do Acordo Ortográfico referem como exemplo a seguir uma Língua Inglesa que, segundo estes, não têm diferenças de ortografia entre os vários países com esta Língua Oficial. Nada poderia estar mais errado. Existe *“color”* nos USA e *“colour”* no UK, *“gray”* e *“grey”*, *“modeling”* e *“modelling”*, e muitas outras diferenças ortográficas. Isto para além das análogas a um *“betão/concreto”* como é o caso do *“solicitor/lawyer”*. Não existe qualquer mal na ignorância, apenas na omissão de se informar antes de argumentar.

A verdadeira unificação é a aceitação das diferenças. É entender que as diferenças contribuem para um enriquecimento da Língua. Quanto mais países falarem a Língua, mais contribuições existirão para o enriquecimento da mesma.

Isto é riqueza linguística, cada país com a sua variante:



Isto é pobreza linguística:



O que o Acordo Ortográfico promete, é a substituição do “*Português (Brasil)*” e do “*Português (Portugal)*” por um **tímido** e **fraco** “*Português*”. No entanto, aquilo que deveríamos almejar seria um “*Português (Brasil)*” e “*Português (Portugal)*” acrescidos de:

- “Português (Angola)”
- “Português (Cabo Verde)”
- “Português (Guiné)”
- “Português (Macau)”
- “Português (Moçambique)”
- “Português (São Tomé e Príncipe)”
- “Português (Timor)”

E já agora, porque não:

- “Português (Galiza)”
- “Português (Goa)”

Os mais atentos terão certamente reparado que a versão que possuo do *Microsoft Word* é em inglês. Lá chegaremos em momento oportuno.

Outro aspecto, que só pode ser distração, é a eliminação das ditas consoantes mudas sustentada em argumentação de facilidade de aprendizagem. Resta saber o que fica dificultado. Se actualmente se escreve “*colecção*” (do latim “*collectiobe*”), e se pretende mudar para “*coleção*”, gostaria que explicassem como facilita a aprendizagem de Línguas estrangeiras (ou a Língua Portuguesa por estrangeiros), quando temos “*collection*” em inglês e “*collection*” em francês.

Voltamos à base do facilitismo. A iliteracia é elevada. Escreve-se mal Português. Mudar o sistema de ensino está fora de questão. Muda-se a Língua. Albarda-se o burro à vontade do dono.

Enquanto nos outros países se aumenta a exigência do sistema de ensino, de modo a produzir recursos humanos com maiores competências, em Portugal promove-se as passagens de ano administrativas.

O resultado de anos de facilitismo, tanto em Portugal como no Brasil, salta à vista, como facilmente se pode observar:

2 Força da Língua

Muito se fala em torno da Língua Portuguesa ser a quinta ou a sexta mais falada em todo o mundo. Como se a quantidade de pessoas fosse assim tão relevante quanto isso.

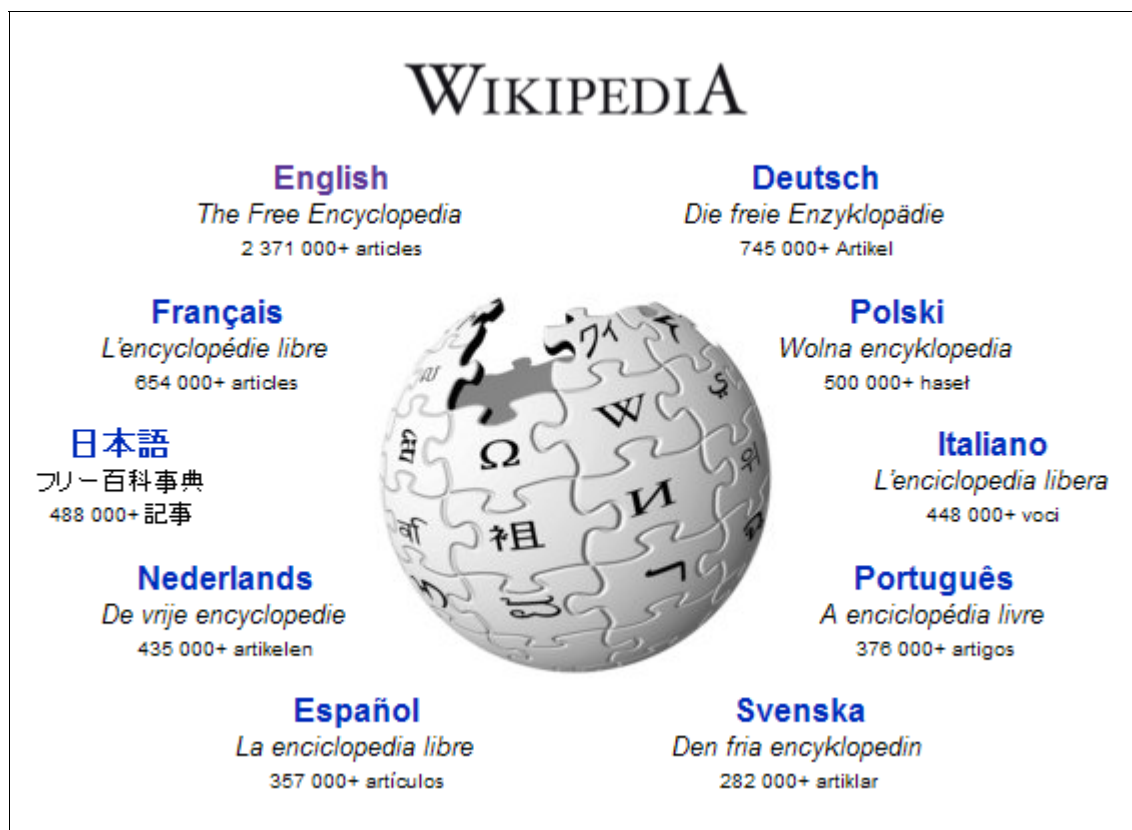
Na lógica da quantidade temos à frente do Português o Mandarim, Hindi, Castelhana, Inglês e, dependendo de como se conta, o Árabe.

Mas será a quantidade assim tão importante, tão relevante? Ou será a qualidade?

Não será mais importante a qualidade dos artigos, documentos, livros originais escritos nessa mesma Língua?

Não será mais importante a excelência profissional e intelectual das pessoas com essa Língua nativa?

Vejamos:



É verdade que os números podem ser torturados até que digam o que nós queremos, mas neste caso a evidência parece demasiado esmagadora.

Onde está o Mandarim? O Hindi?

Alemão, Francês, Polaco, Japonês, Italiano e Holandês à frente do Português? Como?!

Parece óbvio que o desenvolvimento económico, tecnológico e cultural dos países é mais importante para a projecção de uma Língua do que a quantidade de falantes. Nem entendo como é possível pensar o contrário.

Repare-se como o Espanhol (Castelhano) foi prejudicado (de segunda Língua mais falada para nono lugar na WIKIPEDIA) pelo fraco desenvolvimento da generalidade dos países com esta Língua materna.

Se Portugal pretende dar projecção mundial à Língua Portuguesa, não alcançará o sucesso através de Acordos Ortográficos, mas sim através do apoio económico, tecnológico e cultural aos restantes países de Expressão Portuguesa. O problema é que ainda nem nos conseguimos apoiar a nós mesmos. Urge resolver o problema do sistema de ensino Português. Aumentar o nível de exigência. Acabar com os facilitismos.

3 Exemplos de bom senso

Ainda ao abrigo da ignorância, há quem torture os números para que estes digam que a Língua Portuguesa está em oitavo lugar na WIKIPEDIA devido às diferenças ortográficas, que sem elas estaríamos num lugar muito mais honroso.

Como, uma vez mais, o problema não é a ignorância mas sim a falta de pesquisa de informação que sustente a argumentação, aqui fica, preto no branco, essa mesma informação em falta. Informação esta que denota o bom senso e elevação demonstrado por uma comunidade de colaboradores na WIKIPEDIA que terá, certamente, um elevado nível cultural.

Vejamos de que se trata:

«**Wikipedia: Versões da língua portuguesa**

(Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre)

O Português escrito em Portugal, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Timor-Leste e Macau (chamado de "português europeu") tem diferença sensível em relação ao português escrito no Brasil (chamado de "português brasileiro"). Ainda, entre cada país do considerado "português europeu" há diferenças locais relevantes. No próprio território brasileiro, entre uma região e outra, também há diferenças no modo da escrita e nas gírias locais.

Por exemplo, na página principal aparece em vários sítios a palavra "projecto". Esta palavra está escrita na norma seguida em Portugal e na África. No Brasil, escreve-se "projeto", omitindo a letra "c". Qual das duas versões está correcta? Ambas.

Simplesmente uma versão é usada no Brasil e outra em Portugal, África e territórios asiáticos. Como acontece nas outras grandes línguas internacionais, não existem versões superiores ou inferiores: são apenas diferentes. Por isso, não veja algo que não está escrito no seu português como incorrecto apenas por isso.

Este projecto é a Wikipédia em língua portuguesa, também chamada de Wikipédia lusófona. Ou seja, é de todos os falantes do português, seja qual for a norma que utilizam. Consequentemente, mudar da norma "A" para a norma "B" não é bem-vindo, porque isso implica uma falta de respeito com os utilizadores das edições anteriores. (...)»

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Vers%C3%B5es_da_l%C3%ADngua_portuguesa)

Se os defensores do Acordo Ortográfico partilhassem deste mesmo bom senso e elevação, e estivessem despidos de outros interesses que não a riqueza da Língua Portuguesa, não haveria certamente lugar a um tão ridículo acordo.

Mas ainda se pode ir mais longe. Podemos chegar ao topo da lista: a Língua Inglesa.

«*National varieties of English*

(See also: *Wikipedia:Manual of Style (spelling)*)

The English Wikipedia has no general preference for a major national variety of the language. No variety is more correct than the others. Users are asked to take into account that the differences between the varieties are superficial. Cultural clashes over spelling and grammar are avoided by using four simple guidelines. The accepted style of punctuation is covered in the punctuation section.

Consistency within articles

Each article should consistently use the same conventions of spelling and grammar. For example, center and centre are not to be used in the same article. The exceptions are:

quotations (the original variety is retained);

titles (the original spelling is used, for example United States Department of Defense and Australian Defence Force); and

explicit comparisons of varieties of English.

Strong national ties to a topic

An article on a topic that has strong ties to a particular English-speaking nation uses the appropriate variety of English for that nation. For example:

American Civil War—(American English)

Tolkien's The Lord of the Rings—(British English)

European Union institutions—(British or Irish English)

Australian Defence Force—(Australian English)

Vancouver—(Canadian English)

Retaining the existing variety

If an article has evolved using predominantly one variety, the whole article should conform to that variety, unless there are reasons for changing it on the basis of strong national ties to the topic. In the early stages of writing an article, the variety chosen by the first major contributor to the article should be used, unless there is reason to change it on the basis of strong national ties to the topic. Where an article that is not a stub shows no signs of which variety it is written in, the first person to make an edit that disambiguates the variety is equivalent to the first major contributor. (...)»

(http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Manual_of_Style#National_varieties_of_English)

Como se pode observar, exactamente os mesmos problemas (ou ainda maiores, com os problemas derivados das unidade de medida), e ainda assim conseguem ter o maior número de artigos na WIKIPEDIA.

4 Perigos e certezas

Muitos são os que olham para este Acordo Ortográfico como uma oportunidade de negócio.

Um longo caminho se percorreu para evitar que os manuais escolares fossem substituídos anualmente.

Neste momento as editoras esfregam as mãos de contentes para terem a oportunidade de substituir novamente todos os manuais escolares. Em 2009 os do primeiro ano, em 2010 os do segundo, e assim sucessivamente.

Poucos são aqueles que se apercebem dos perigos vindos de Oeste.

Grandes editoras, com matérias-primas mais baratas, mão-de-obra ainda mais barata e sem garantias de qualificações apropriadas.

Por coincidência, ainda há pouco tempo peguei em alguns manuais dos tempos da universidade. Em dois manuais de apoio (probabilidade e estatística), um era de origem brasileira.

Desconheço a situação actual a nível universitário, mas a nível profissional sei que a grande maioria de traduções para Português de livros técnicos de informática são em Português do Brasil.

Mas não se restringe a livros impressos. Não é necessário estar muito atento para entender as dificuldades que os tradutores Portugueses têm em Portugal para encontrar trabalho, com a concorrência dos congéneres Brasileiros. Com o Acordo Ortográfico a situação só tende a agravar-se.

É um Acordo muito mais vantajoso para o Brasil que para Portugal. Não só pela mão-de-obra mais barata, como também pela facilidade na desvalorização da moeda para facilitar as exportações.

E quem fala em livros, fala em filmes, em programas de computador, etc.

Estes são os perigos. Quanto às certezas, apenas as de que não existe nenhum Acordo Ortográfico que obrigue as pessoas a mudar o modo como escrevem, nem que obrigue a ler o que quer que seja que esteja nessa forma imposta.

Não posso falar pelos outros Portugueses mas, no que me diz respeito, posso afirmar que continuarei a escrever do mesmo modo, e que evitarei comprar tudo o que não esteja na forma pré-Acordo.

Aliás, a esse respeito pouco irá sofrer alguma alteração. Como se pôde observar, faço os possíveis por ter *software* apenas em Inglês, sempre que tenho possibilidade de escolha. Quando não encontro em lojas nacionais, compro através da Internet no UK. Prática que adquiri desde que fui confrontado nos finais dos anos 80 com a tradução de "help" por "socorro".

O mesmo se passa com os livros técnicos. O único livro técnico que tenho em Português do Brasil está vergonhosamente escondido atrás de muitos outros, e apenas consta na minha biblioteca porque foi oferecido num curso de formação que frequentei. Nunca o teria comprado. Livros técnicos em Português (poucos) só mesmo os de autores portugueses.

Canais de TV sofrem do mesmo tratamento. A evitar as dobragens e as legendagens de fraca qualidade. Para telenovelas não há pachorra.

A avaliar pela quantidade e qualidade dos opositores ao Acordo Ortográfico, fico com a sensação de que a única garantia é que este Acordo irá conseguir afastar ainda mais estas mais-valias para a Língua Inglesa, empobrecendo cada vez mais a Língua Portuguesa.

Imagino que a tendência seja para haver cada vez mais crianças a frequentar colégios Ingleses, Franceses. Espanhóis e Alemães.

Realmente haverá muita gente a lucrar com este Acordo Ortográfico. A perder só fica o País.

Penso mesmo existir uma excelente oportunidade de negócio, a editar livros em Português pré-Acordo.

Quem sabe se não poderá chegar-se ao extremo de criar um sistema de ensino paralelo. E com a certeza de uma qualidade claramente superior. Também imagino ser difícil fazer pior que o sistema de ensino que existe actualmente.

5 Referendo

Como já foi referido, a Língua Portuguesa não é propriedade do Estado, nem de nenhum Governo, e muito menos de um qualquer partido político. A nossa Língua apenas ao povo pertence, seja ele Português, Brasileiro ou outro.

Não me recordo, tão pouco, de um qualquer partido político ter feito referência à sua posição a respeito do Acordo Ortográfico em campanha para qualquer uma das eleições legislativas.

Se o Tratado de Lisboa poderá ser considerado como uma opção política, já o mesmo não se passa com esta questão da Língua que apenas ao povo diz respeito.

Tal ingerência apenas pode ser legitimada através da consulta popular num referendo.

6 Autoria

Quinze de Maio de dois mil e oito,

J. Nuno A. P. S. Ferreira

<http://nuno.net>